

O GOSTAR DO ALUNO E SUA DIFICULDADE EM QUÍMICA

Rauã Bezerra da Silva (1); Jerônimo Ferreira Mendes (2); Thainá Maria da Silva Carvalho (3); Sanderson Hudson da Silva Malta (4)

Instituto Federal de Pernambuco, rauabezerr@outlook.com

Instituto Federal de Pernambuco, pietromendes0123@gmail.com

Instituto Federal de Pernambuco, thainaetm@gmail.com

Instituto Federal de Pernambuco, Sanderson.malta@gmail.com

RESUMO

No dia a dia das escolas de ensino médio é muito comum ouvir dos estudantes que química é uma disciplina difícil, chata, ou entediante, assim como também é muito comum ouvir os estudantes de ensino médio dizer que não gosta de química. Esse sentimento pela disciplina na maioria das vezes é provocado por uma experiência ruim ou desmotivadora com a disciplina podendo causar nos piores dos casos um bloqueio na mente do estudante fazendo-o acreditar que não é capaz de realizar tal tarefa. Pensando nisso, esta pesquisa procurou analisar se a dificuldade do aluno está relacionada com a sua simpatia com a disciplina, a sua motivação em aprender, positiva ou negativamente. Para isso foi aplicado um questionário em duas turmas, na Escola Antônio Dias Cardoso em Vitória de Santo Antão e na Escola Leobaldo Soares da Silva na cidade de Barra de Guabiraba, onde os alunos podiam dizer se tinham dificuldade ou facilidade de aprendizagem, se gostavam ou não de química e o porquê de não gostar de química. As respostas coletadas dos questionários foram analisadas e discutidas para chegar a uma conclusão bem significativa.

Palavras-chave: Química, Dificuldade, Aprendizagem, Gostar, Motivação.

INTRODUÇÃO

Hodiernamente, muito alunos do ensino médio das escolas públicas de ensino têm dificuldades de aprendizagem na disciplina de química, será que por causa dessas dificuldades eles preferem acreditar que não gostam desse conteúdo, ou se sentem incapazes de compreenderem as aulas de química?

“É muito comum utilizarmos o termo ‘gostar’ para exprimirmos nossas preferências. Assim, dizemos gostar de algo, quando queremos expressar o quanto o achamos bom ou belo, o quanto esse algo nos faz bem, ou mesmo para dizer daquilo com que nos damos bem, de nossas tendências, de nossas inclinações, ou dizemos gostar de alguém quando queremos falar da amizade, do amor ou da simpatia que sentimos. Em resumo, o ‘gosto’ por alguma coisa é, frequentemente, associado àquilo que oferece, de algum modo, possibilidade de experimentar satisfação ou prazer.”(GUIZELINI, 2005. p.18).

Quando o aluno tem uma certa dificuldade de aprendizagem, ele também vai dizer que não gosta daquela determinada área justamente por que ele não pôde “experimentar essa satisfação ou prazer”, pelo contrário, ele se sente bem mais exausto quando estuda a disciplina (química).

“De fato, dentre as razões apresentadas pelos estudantes entrevistados para ‘gostar’ de Química, a ‘identificação’, a ‘afinidade’, ou mesmo uma ‘atração’ por esta área são apontados como elementos primordiais. É preciso sentir algum tipo de inclinação especial para que as relações com o conhecimento teórico e com o fazer químico sejam tidas como prazerosos.” (GUIZELINI, 2005. p.81).

No entanto muitas vezes alguns estudantes dizem não gostar de química bem antes de ter um contato com ela. Nesse caso, eles são influenciados pelos estudantes que antes deles tiveram a dificuldade citada anteriormente neste texto, desenvolvendo um certo medo, e nas piores das hipóteses um bloqueio em sua mente para a química.

A existência da desmotivação e conseqüentemente da dificuldade do educando em aprender química está intimamente ligado à rotina e a monotonia das aulas que eles são obrigados a “suportar” diariamente, como Sheila Cardoso e Dominique Colinvaux (2000) dizem em seu trabalho: que muitos comentários recorrentes entre os estudantes de ensino médio que demonstram um desagrado em relação às aulas de química, são expressões do tipo “chatas”, “ensinada de forma enjoada”, “cansativas”, “todas iguais”, “difíceis”, “sem importância” e “pouco aplicadas ao dia-a-dia”.

Se pararmos para pensar na existência da desmotivação do estudante, vem as seguintes perguntas em nossa mente: o fato do aluno gostar de química facilita a sua aprendizagem? E o contrário, ele não gostar de química dificulta a sua aprendizagem? E principalmente, o não gostar de química vem antes ou depois da sua dificuldade de aprender? O que nos leva a uma quarta e última pergunta: a motivação do educando é responsabilidade do educador ou do próprio educando?

“Essa ‘necessidade de saber’ pode não ser movida apenas por razões de ordem material ou prática – como, por exemplo, a necessidade de resolver um problema – mas sim por uma necessidade pessoal de saber sobre algo, um buscar o conhecimento, por que se quer saber sobre ele ou por que esse conhecimento lhe traz algum tipo de satisfação particular. Nesse caso, não se trata apenas de uma mobilização cognitiva, mas de uma mobilização do sujeito como um todo, em seu aspecto afetivo, relacional e cognitivo, da mobilização de

um sujeito que quer aprender e que se dispõe a isso.” (GUIZELINI, 2005. p.19).

O trecho do texto de Guizelini exposto acima explica que, a motivação do educando em estudar, basicamente é sua a responsabilidade pois o interesse deve surgir de “uma mobilização do sujeito como um todo”. Entretanto isso não significa dizer que professor não seja, de certa forma, culpado pela dificuldade do aluno em aprender química, visto que a rotina das aulas e a falta de criatividade didática e metodológica do educador acarreta em uma desestimulação de boa parte de uma turma de ensino médio, ignorando e contrariando os Parâmetros Curriculares Nacionais Do ensino Médio (BRASIL, 1997) onde diz que os professores deveriam passar os conteúdos ligando aspectos ao cotidiano do aluno, e não trabalhar de forma monótona e mecânica como formas de decorar fórmulas, conceitos e símbolos. Acredita-se que fazer jogos lúdicos ou experimentos e ligar ao cotidiano dos estudantes possa fazer eles desenvolverem a sua própria maneira de pensar, investigar e refletir.

Assim como também é exposto por Maldaner e Piedade em seu trabalho:

“Os conceitos devem permitir que os alunos entendam de fato a Química, não ficando limitado apenas em usar fórmulas e em repetir definições. O melhor seria que os conceitos ou palavras usadas pelos estudantes fossem, com o passar do tempo, construindo o seu próprio modo de pensar”. (MALDANER, PIEDADE, 1995, p. 16)

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido em uma turma de primeiro ano do ensino médio da Escola Leobaldo Soares da Silva na cidade de Barra de Guabiraba, Pernambuco, e em uma turma do terceiro ano do ensino médio da Escola de Referência em Ensino Médio Antônio Dias Cardoso, na cidade de Vitória de Santo Antão, também em Pernambuco. Através de uma visita do grupo de trabalho de resolução de problemas do Programa Internacional Despertando Vocações nas Licenciaturas (PDVL), do curso de Licenciatura Plena em Química, IFPE Campus Vitória de Santo Antão, respectivas escolas, onde foi aplicados questionários com os alunos.

O questionário, antes de ser aplicado, foi discutido e elaborado pelo grupo de trabalho e foi composto por 17 perguntas objetivas, onde os estudantes podiam escolher a sua resposta, e abertas, pois eles podiam optar em escrever sua própria resposta, caso as demais não

descrevessem às suas situações. As perguntas eram bastante variadas, onde o aluno respondia desde a escolaridade de seus pais, sua relação com a química até os conteúdos em que tinham dificuldade.

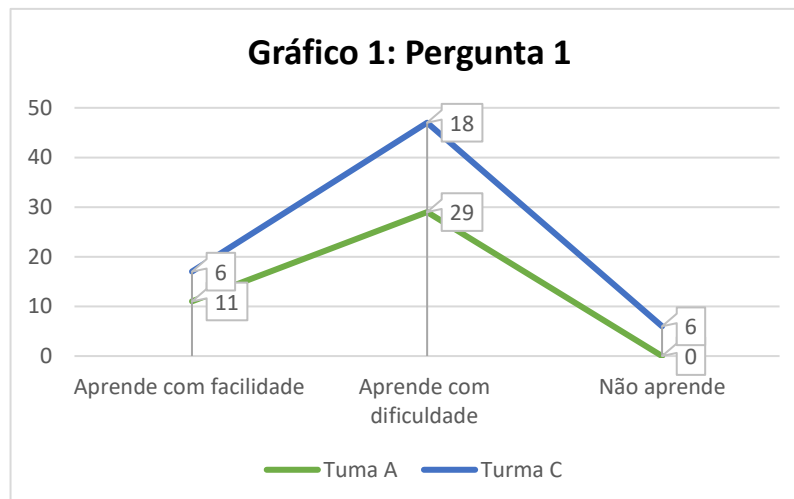
Nas salas de aulas em que os questionários foram aplicados, foi dado para os estudantes instruções dos integrantes do GT, além das dúvidas que surgiram e tiradas. É importante ressaltar também que foi observado a relação dos alunos com professor nessas visitas. As respostas recolhidas do questionário foram analisadas, tabeladas e discutidas pelo grupo.

Os estudantes voluntários da pesquisa foram identificados com a letra “A”, variando os de A1 a A40, alunos do primeiro ano, e com a letra “C”, variando de C1 a C30, os alunos do terceiro ano, a numeração é referente a quantidade de participantes em cada escola, 40 na Escola Leobaldo Soares da Silva e 30 na Escola Antônio Dias Cardoso, totalizando 70 alunos participantes.

Das 17 perguntas contidas no questionário, apenas três delas serviram como ponto central desta pesquisa, são elas, “*Com relação aos conteúdos de Química, você aprende com facilidade, com dificuldade ou não aprende?*”, onde esta pergunta será chamada de Pergunta 1, “*Com relação a disciplina de Química, você gosta muito, gosta pouco ou não gosta?*” (Pergunta 2) e “*Se você marcou “gosto pouco” ou “não gosto” de Química, qual o principal motivo?* (Pergunta 2.1).

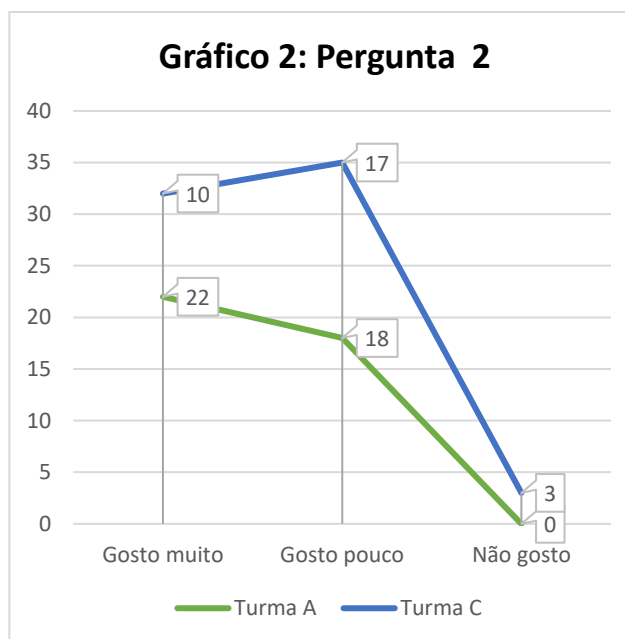
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Pergunta 1 foi possível observar, com a contagem dos questionários das turmas de terceiro e de primeiro ano, 75.7% dos 70 alunos participantes disseram aprender química com dificuldade ou que não aprende. Sendo mais específico foram 29 alunos da turma A e mais 24, da turma C. Os alunos que disseram aprender química com facilidade foram 11 na turma A e 6 na turma C, correspondendo a 24.3% do total de estudantes. O gráfico a seguir mostra todos esses dados com mais clareza:



Fonte: Produção do autor

Com relação a Pergunta 2 foi observado que o quantitativo de alunos que disseram não gostar ou gostar pouco de química é um número menor que dos alunos que da Pergunta 1 que dizem ter dificuldade em aprender os conteúdos da disciplina, com isso já podemos chamar de um primeiro passo para afirmar que o aluno ter dificuldades em química o fará não gostar dela.



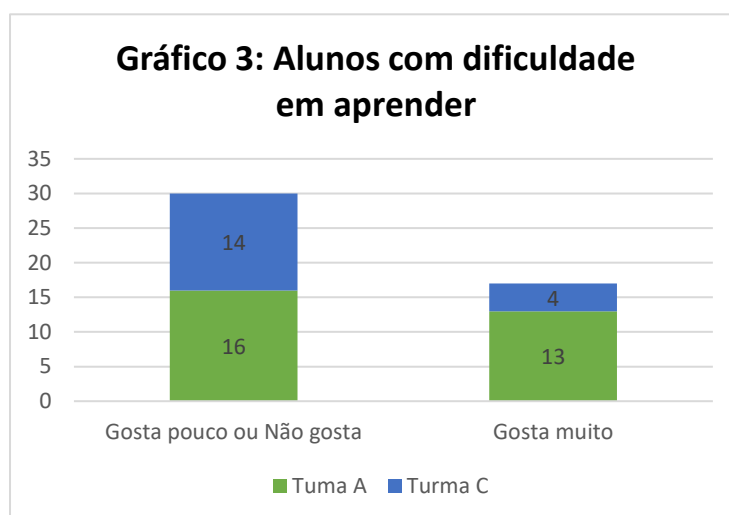
Fonte: Produção do autor

Na Pergunta 2, 54.3% dos alunos marcaram no questionário que gostam pouco ou não gostam de química, 18 alunos A e 20 alunos C, totalizando 38 alunos. O quantitativo de alunos que falaram gostar muito de química foi 32, 22 da turma A e 10 da turma C, o que corresponde a 45.7% das respostas dos questionários da Pergunta 2. ´

No gráfico da Pergunta 2, podemos ver que o maior número de alunos que disseram gostar muito de química foi o da turma A com 12 a mais que a turma C. Nas visitas às escolas Antônio Dias Cardoso e Leobaldo Soares da Silva, foi verificado pelo grupo que na turma A os alunos tinham uma relação respeitosa com professor, o professor tinha o respeito dos estudantes, aspecto que não foi possível perceber na turma C, com tamanha generalidade.

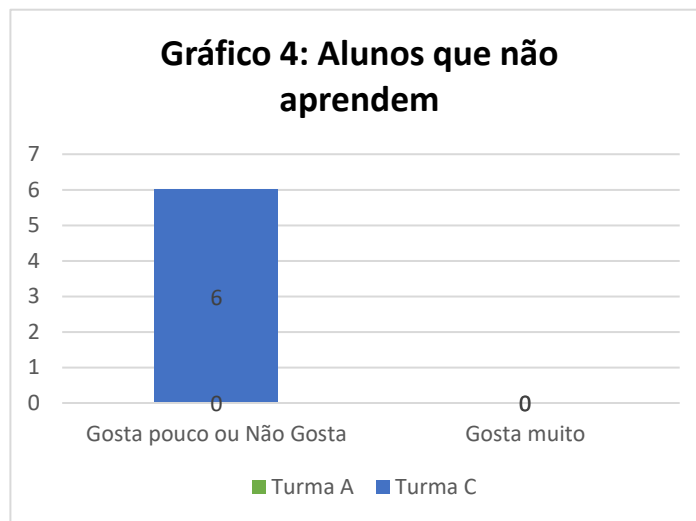
Tal observação feita pelo grupo, nos remete a responsabilidade em que o professor tem de motivar o estudante a querer aprender mais, o respeito é o poder que o professor tem para motivar o aluno a gostar de química ou de qualquer outra disciplina, quando o aluno respeita o professor ele passa a admirá-lo, tornando-o seu espelho.

Ao analisarmos as respostas da Pergunta 2 somente dos alunos que admitiram ter dificuldade nos conteúdos de química, teremos um gráfico como este:



Fonte: Produção do autor

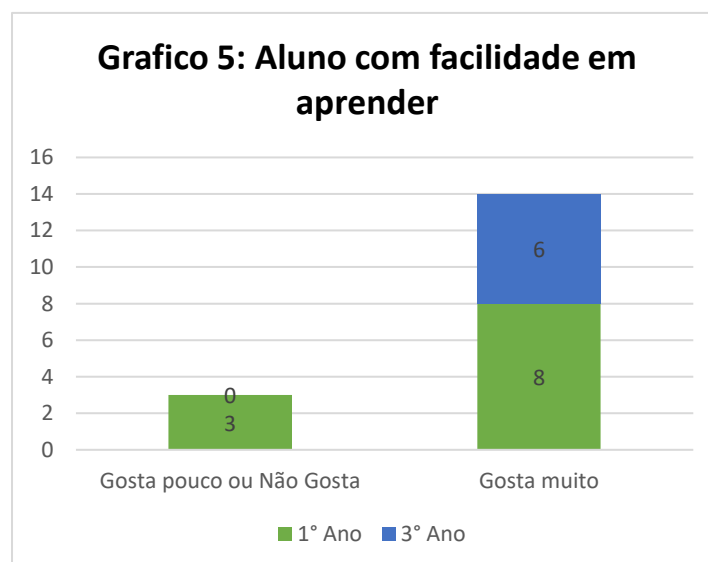
No gráfico podemos ver que nem todos os alunos com dificuldade de aprendizagem dizem não gostar ou gostar pouco de química. 36,2% dos alunos disseram gostar muito de química apesar de sua dificuldade, esse número 13 alunos da turma A e apenas 4 alunos da turma C. Contudo, a grande maioria desses alunos disseram não gostar ou gostar pouco de química, o equivalente a 63,8% da totalidade. Somasse a este resultado, a opinião dos alunos que dizem não aprender os conteúdos. Estes dados estão expostos no gráfico abaixo.



Fonte: Produção do autor

Nesse gráfico, todos os que falaram que não aprende os conteúdos de química, também não gostam ou gostam pouco da disciplina. Todos esses alunos são da turma C, na turma A nenhum deles disseram que não conseguiam aprender os assuntos.

Ao olharmos o gráfico dos alunos que dizem aprender com facilidade, sua estética é bem parecida com a do Gráfico 3 e 4.



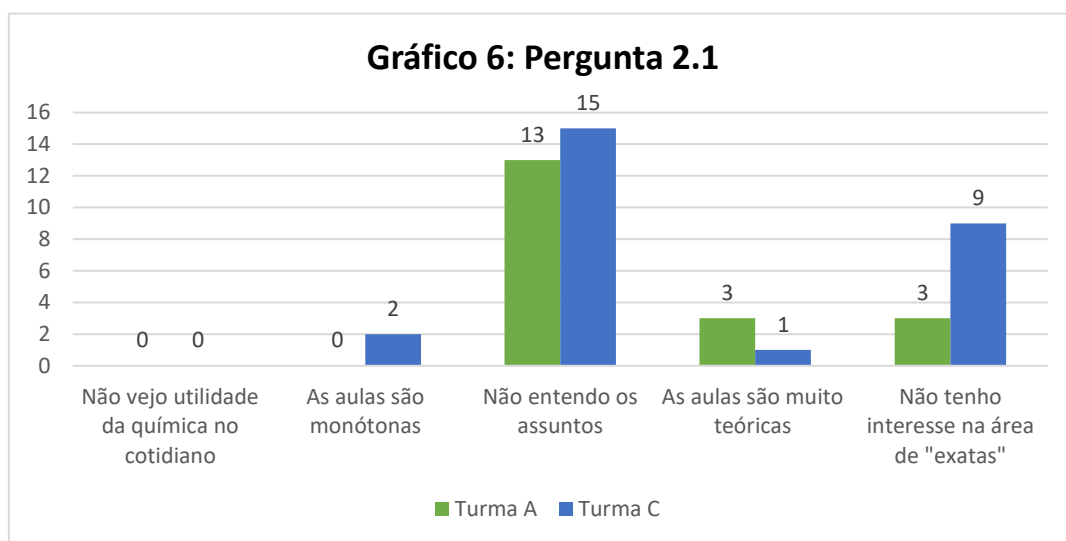
Fonte: Produção do autor

O gráfico 5 é parecido com o gráfico 3 e o gráfico 4, pois segue a mesma lógica, como nos gráficos 3 e 4 a maioria dos alunos que tinham dificuldade diziam que não gostavam de química, nesse os alunos que tem facilidade, a maioria gostam muito de química. A

quantidade de alunos que gostam muito de química é o equivalente a 82.4% dos que têm facilidade de aprendizagem, somente 3 deles responderam no questionário que apesar de ter facilidade na disciplina gostam pouco dela, todos esses são da turma A.

Tal reflexão sobre o gráfico 5, reafirma que o gostar de química, a motivação do aluno para querer aprender, depende da sua aprendizagem. Em outras palavras, se o alunos não se dar bem na disciplina ele passa a acreditar que não gosta dela, assim como o inverso, quando ele consegue aprender os conteúdos de química, fica mais motivado a aprender mais.

Apesar dos dados dos gráficos mostrarem que a motivação do aluno está ligado com a sua aprendizagem, no questionário nós fizemos mais uma pergunta aos estudantes participantes. A Pergunta 2.1 pedia que os alunos ou alunas que disseram gostar pouco ou não gostar de química descrevessem o motivo que eles pensavam ser responsável por este sentimento. Os resultados estão apresentados no gráfico 6 abaixo.



Fonte: Produção do autor

Para evitar confusão com os números do gráfico 6, devemos acrescentar que os estudantes podiam apontar mais de um motivo na Pergunta 2.1.

No gráfico acima, pode-se ver que a grande maioria dos alunos apontaram que não gostam de química, justamente, porque não conseguem entender os assuntos. Esses estudantes representam 60.1% das respostas, os outros 39.9% são as 2 respostas dizendo que as aulas são monótonas, 4 alunos disseram que não gostam muito de química porque as aulas são muito teóricas, esses alunos sentem falava da experimentação em sala de aula, algo essencial para a

motivação do aluno, e 12 responderam que, simplesmente, não têm interesse pela área. Uma resposta, de uma aluna da turma C, chamou a atenção do grupo, que, inclusive, essa resposta não está no gráfico, ela diz em seu questionário que o motivo de ela não gostar da disciplina é ter muita dificuldade.

CONCLUSÃO

De acordo com as reflexões feitas acerca dos dados coletados na pesquisa, é possível afirmar que para a grande e maioria dos alunos da pesquisa, a sua relação positiva ou negativa com a disciplina de química está intimamente ligada à sua aprendizagem. De modo que ele gostar de química facilita a sua aprendizagem, assim como acontece também no inverso, quando o aluno não simpatiza com a área, isso irá dificultar o seu entendimento.

Com as observações feitas pelos autores da pesquisa, foi possível concluir que o professor é responsável pela motivação do estudante ao menos nos primeiros contatos dele com a química, fazendo-o acreditar que a química não é difícil, pois na turma em que o professor usou essa metodologia, a turma A, foi a turma em que teve a maior porcentagem de alunos que dizem ter facilidade em aprender e também a maior porcentagem de alunos que dizem gostar de química. Depois desses primeiros passos a motivação passa a ser responsabilidade mais do estudante que do professor. Como Charlot (2000) afirma, que para aprender exige uma mobilização do sujeito, de maneira que a atividade feita por ele possui uma “dinâmica interna”.

Em relação ao aluno não gostar de química vir primeiro que dificuldade ou a dificuldade vir primeiro que o não gostar de química, podemos concluir que esta pergunta não tem uma resposta padrão, visto que os resultados coletados foram muito variados, como alunos que têm dificuldades de aprendizagem e dizem gostar da disciplina, assim como alunos que não gostam da disciplina e mesmo assim acham química fácil.

É de extrema importância ressaltar que, tais afirmações foram feitas com a observação de um padrão de resultados, respostas que mais se repetiram. Por isso, essa conclusão se aplica somente aos alunos que estão neste padrão, e não se deve incluir esta ideia aos alunos que não estão neste modelo, pois os estudantes em uma turma são diferentes entre si e nunca vão seguir um padrão único.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Ministério de Educação e Cultura**. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Química – 1º ao 3º ano. Brasília, SEF, 1997.

CARDOSO, S. P.; COLINVAUX, D. Explorando a motivação para estudar química. **Química Nova**, v. 23, n. 3, p. 401-404, 2000.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GUIZELINI, A. **Um estudo sobre a relação com o saber e o gostar de matemática, química e biologia**. 2005. 156f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2005.

MALDANER, O. A. e PIEDADE, M. C. **Repensando a Química**. Química Nova na Escola, 1995.